

Myrna desanca: duas colunas de aconselhamento de Nelson Rodrigues

Myrna lambasts: two advice columns written by Nelson Rodrigues

Adriano de Paula Rabelo

RESUMO: Entre os diversos gêneros literários e jornalísticos que Nelson Rodrigues cultivou, está o correio sentimental, assinado sob o pseudônimo de Myrna. Mesmo numa forma pouco prestigiosa como essa, ele pôde mostrar suas grandes qualidades de escritor, publicando colunas que capturavam a atenção do leitor com seu estilo inconfundível e sua vivacidade. Além disso, como em tudo o que Nelson produziu, seu texto reservava surpresas que prendiam o leitor, muitas vezes provocando controvérsias que engajavam seu público em acirrados debates. Partindo de uma breve história das colunas de aconselhamento, este artigo focaliza dois textos em que Myrna não realiza o que se espera de uma consultora sentimental, confrontando duas leitoras, chegando mesmo a repreender fortemente uma delas.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Myrna. Correio sentimental. Jornalismo.

ABSTRACT: Nelson Rodrigues was a multifaceted writer and a journalist who practiced a wide range of genres. One of them was the advice column, which he signed with the pseudonym of Myrna. Even in a non-prestigious format like this, he was able to show his exceptional writing qualities, publishing columns that captured his readers' attention with his peculiar style and liveliness. Furthermore, like it used to happen with all his other types of writing, his column always holds surprises that engage his readers, often provoking controversies and fierce debates. Starting by a brief history of the advice columns, this article focuses on two texts by Nelson Rodrigues in which Myrna does not deliver what is expected of an agony aunt. Instead, she confronts two of her readers, strongly reprimanding one of them.

Keywords: Nelson Rodrigues. Myrna. Advice column. Journalism.

O correio sentimental é um gênero jornalístico que tem por fim oferecer consolo e estímulo a um leitor, geralmente em estado de agonia, que consulta o colunista. Este muitas vezes se esconde por trás de nomes fictícios, pois tal gênero sempre foi pouco prestigioso, possuindo uma reputação de frivolidade e pouca seriedade ao lidar com problemas pessoais de pessoas anônimas. Como durante muito tempo a maioria esmagadora dos consulentes eram mulheres, os jornalistas que escreviam correios sentimentais costumavam assinar seus aconselhamentos com um pseudônimo feminino, ainda que eles fossem homens. É o caso de Nelson Rodrigues, que, ao longo de aproximadamente seis meses, assinou uma coluna assim com o pseudônimo de Myrna. Um nome feminino tornaria o conselheiro bem mais próximo das consulentes, pois sua suposta condição de mulher funcionaria como um atestado de conhecimento pessoal dos dramas vividos por aquelas que lhes mandavam cartas descrevendo suas tribulações, em geral amorosas, e lhe pedindo uma apreciação sobre o que fazer.

Na maioria dos casos, Myrna de fato oferece consolo e estímulo àqueles que a consultam. Vezes há, porém, nas quais ela se mostra indignada com a incompreensão ou

o egoísmo das consulentes, repreendendo-as. Isso é definitivamente incomum nos correios sentimentais, pois, a fim de aumentar as vendas dos jornais que os publicam, eles precisam sempre cortejar a boa vontade do seu público, evitando criticá-lo. Myrna, contudo, nem sempre age dessa maneira, como se verá. Isso não impediu que sua coluna fosse muito popular, e o *Diário da Noite* recebesse inúmeras cartas destinadas à suposta colunista.

Uma breve história dos correios sentimentais

As colunas de aconselhamento surgiram na Inglaterra do século XVII. A primeira delas teria aparecido no jornal *Athenian Mercury*, assinada por John Dunton, propondo-se a dar uma resposta “às perguntas mais interessantes e curiosas” (Hastings, 2021). Anastasia Hastings faz um apanhado dos temas dessas perguntas:

Que tipo de questão preocupava os leitores em 1690? Problemas amorosos, problemas de saúde, mas também coisas relacionadas à história, à ciência (“As pulgas têm ferrão?”) e à filosofia (“Quem são as pessoas mais felizes do mundo, os sábios ou os ignorantes?”). Uma senhora tinha problemas com calos e queria saber a razão de eles aparecerem. Eis a resposta de Dunton: “Talvez seu coração endurecido esteja afetando os seus pés”. Isso expresso por um homem que certa ocasião aconselhou uma mulher solitária a ir até o cais quanto uma frota estivesse chegando, para lá encontrar algum marinheiro! (Hastings, 2021).

Na Inglaterra as colunas de aconselhamento recebem um nome bastante significativo: *agony column*, e os colunistas são chamados de *agony aunt*, se for mulher, e *agony uncle*, se for homem. Obviamente essas denominações advêm das inúmeras queixas e da exposição pública de dramas íntimos por parte dos consulentes. Já nos Estados Unidos tais colunas são chamadas simplesmente de *advice column*. Muitas vezes os periódicos traziam, no topo das colunas de aconselhamento, um retrato, supostamente do ou da colunista, em geral uma pessoa de meia idade, de aspecto paternal/maternal, aparentando possuir experiência de vida e sabedoria. E, dentre todas as colunas de aconselhamento, as que de maior popularidade têm sido aquelas que lidam com problemas amorosos.

No Brasil, os correios sentimentais se tornaram mais frequentes e mais difundidos no século XX, quando houve uma grande expansão do jornalismo, que se tornou mais profissionalizado e mais comercial. Como tradicionalmente muitos escritores brasileiros têm atuado como jornalistas, vários deles, familiarizados com as

angústias humanas em suas obras, tiveram experiências como colunistas de aconselhamento sentimental. Para ficar em apenas dois deles, pode-se mencionar Antônio Maria, que escreveu correios sentimentais no jornal *Última Hora*, entre 1959 e 1961, no *Diário da Noite*, entre 1961 e 1962, e em *O Jornal*, de então até 1964; e Vinícius de Moraes, que assinou uma coluna chamada “Abra o seu coração” na revista semanal *Flan*, entre março e novembro de 1953, sob o pseudônimo de Helenice.

Hoje em dia, as colunas de aconselhamento ainda existem na imprensa tradicional, mas parecem ter adquirido um público ainda maior em outras mídias, pois há uma miríade de conselheiros na televisão e, principalmente, em redes sociais como o YouTube. Se os consultórios sentimentais continuam os mais populares, constata-se que as colunas de aconselhamento diversificaram-se quase ao infinito, estando a cargo de conselheiros sobre questões sexuais, médicas, jurídicas, astrológicas, esportivas, místicas, econômicas, políticas, religiosas, trabalhistas, computacionais, escolares e muitas outras.

O correio sentimental de Nelson Rodrigues

Nelson Rodrigues escreveu seu consultório sentimental durante seis meses apenas, entre 21 de março e 5 de outubro de 1949, publicando-o no *Diário da Noite*, numa coluna intitulada “Myrna escreve”. Ele já vinha utilizando esse pseudônimo desde o ano anterior, quando publicou o folhetim *Núpcias de fogo* de maneira seriada em *O Jornal*. Em 1949 Nelson também publicaria, no mesmo *Diário da Noite*, novamente em capítulos seriados, outro folhetim assinado por Myrna: *A mulher que amou demais*. Ruy Castro, na biografia do escritor, conta como surgiu a ideia de ele escrever um consultório sentimental, descrevendo algumas características da coluna:

A correspondência de “Myrna” era tão desconunal que era uma pena não transformá-la num “correio sentimental”. Ei, por que não? As leitoras acreditavam em “Myrna” e escreviam contando suas brigas com a mãe ou com o namorado, pedindo conselhos. Nelson poderia respondê-las, com a solidariedade que sempre dispensara às mulheres — e faturando mais alguns caraminguás. A seção se chamaria “Myrna escreve”. A ilustração seria o 3x4 de uma mulher com os olhos tarjados e Nelson escreveria na primeira pessoa do feminino (Castro, 2001, p. 219).

Semanas antes da publicação da primeira coluna, o jornal preparou toda uma campanha publicitária a fim de atrair leitores, criando uma aura de mistério sobre a

autora. Consta que Nelson Rodrigues de fato se comovia com as cartas recebidas por Myrna, esmerando-se para respondê-las conforme uma visão do amor que se marcava por um entranhado romantismo, expresso de maneira transbordante nos folhetins que o escritor vinha produzindo desde 1944. Nessa visão, o amor é o valor maior da existência humana, de modo que especialmente as mulheres devem aceitar fazer qualquer sacrifício em nome dele, pois estão destinadas a isso por sua própria natureza. Além disso, um casamento feliz dependeria, em essência, de sua atitude, pois a elas caberia manter a coesão do lar e cuidar bem do marido e dos filhos, nem que seja à custa de muitas renúncias pessoais e mesmo da anulação da própria personalidade. Obviamente estamos num tempo anterior às revoluções comportamentais dos anos 1960, marcado por uma moralidade burguesa de base patriarcal.

O estilo de Myrna é direto, incisivo, como se os seus conselhos viessem de alguém respaldado não só pela experiência, mas também pela reflexão. Não por acaso ela frequentemente elabora teorias sobre o amor. A isso acrescenta-se a plasticidade da linguagem de Nelson Rodrigues, o que torna seu correio sentimental muito superior à média dos textos publicados nesse gênero.

Sua coluna segue sempre uma estrutura fixa: expõe o problema que está afligindo o/a consulente, comenta-o, reflete sobre ele e oferece seus conselhos de maneira segura e categórica, orientando com clareza sobre como se deve agir. Na maioria das vezes a colunista é consoladora, em especial no que tange à condição da mulher como “vítima da natureza” (Rodrigues, 2002, p. 73), o que justificaria todos os sacrifícios a que ela tem de se submeter. Em dois textos, porém, Myrna é muito incisiva, polemizando fortemente com duas de suas consulentes, chegando mesmo a repreendê-las.

A polêmica sempre foi um recurso de que Nelson Rodrigues lançou mão em suas obras, pois gostava de provocar acirradas discussões. Ela contribuía para ampliar sua popularidade, difundir seus trabalhos e torná-lo famoso, coisa que ele apreciava. Além do mais, a controvérsia costuma ser ótima comercialmente. No caso, ela ajudava a alavancar as vendas do *Diário da Noite*.

Vejamos como Myrna polemiza com duas de suas consulentes.

Vítima da natureza

Na coluna intitulada “A mulher é uma vítima da natureza”, uma leitora reclama da postura de Myrna, que, segundo ela, é uma protetora dos homens, estando sempre contra as mulheres. Não há um detalhamento da indignação da leitora, mas pode-se imaginar que ela se irrita com as críticas da consultora às mulheres mais modernas, que não aceitam submeter-se aos homens para serem o esteio do lar. As traições e abusos masculinos, por exemplo, tão evidentes no modelo burguês e patriarcal de família, praticamente não recebem críticas da colunista.

Myrna se mostra muito surpresa com a contestação dessa leitora, replicando nos seguintes termos:

Eu não tenho sido injusta; eu procuro cingir-me, tão-somente, às lições que a vida nos oferece, todos os dias. Segundo a reclamante, eu protejo os homens. Não é verdade. Quem protegeu o homem, antes de mim, foi a natureza. Se a mulher é vítima de alguém, o é da natureza, e não dos homens. (...) Inicialmente, lanço esta pergunta: — “Por que a natureza protegeu o homem?”. E passo a responder. A partir do momento em que surgiu a primeira mãe, patenteou-se o seguinte fato: — a natureza era unilateral e, assim, colocava sobre os ombros das mulheres as piores penas, os mais graves deveres e as mais dramáticas responsabilidades que resultam do simples e puro fato da maternidade. (...) Como consequência, é mais natural que a mulher escolha mais, selecione com mais escrúpulo, na procura do melhor pai. E ela faz isso, sem sentir, sem saber, por um instinto eterno e sábio. Tendo mais deveres, mais responsabilidades, mais sofrimento — queira ou não queira — a mulher é, sempre, a vítima. Perante a natureza, o amor pode ser, para o homem, uma simples aventura: e, para a mulher, tem, sempre, alguma coisa de trágico e definitivo (Rodrigues, 2002, p. 71-73).

Como se vê, trata-se de um arrazoado bastante lógico e, principalmente, em conformidade com a visão que predominava, na década de 1940, sobre o papel da mulher na relação amorosa, na composição da família e na preservação da espécie. Hoje, embora ainda haja homens e mulheres que pensam da mesma forma, houve uma mudança de paradigma, e as ideias predominantes sobre a condição feminina e seu papel social mudaram muito, de modo que é quase impensável a publicação de um correio sentimental como o de Myrna em nossos dias. Ele por certo receberia não apenas a contestação de uma leitora isolada, mas uma avalanche de ataques por todos os lados, muitos deles de forma grosseira e incivilizada, como se tornou comum nas últimas décadas. Embora as concepções de Myrna obviamente possam ser criticadas, penso que é um anacronismo julgá-las com os valores do nosso tempo.

Mas o arremate dessa coluna traz algo um tanto inusitado. Em vez de oferecer o tradicional consolo a sua leitora, neste caso realizando uma possível contemporização

em relação às críticas recebidas, talvez relativizando suas ideias, Myrna rebate a consulente: “Faz mal, a leitora, quando me acusa de ser contra as mulheres. A natureza é que é, sempre, contra nós. Não somos vítimas do homem. Vítimas, sim, mas da natureza” (Rodrigues, 2002, p. 73).

Como se vê, trata-se de uma contestação elegante, ainda bastante contida. O fato de a consultora ser supostamente mulher, incluindo-se ela mesma no rol das “vítimas da natureza”, chegando mesmo a utilizar um “nós” para expressar isso, faz com que Myrna seja insuspeita em sua argumentação. A conclusão, julgando que a leitora procedeu mal, também é reforçada pela condição feminina da escritora. De todo modo, essa relação conflituosa entre consultora e consulente é rara na história dos consultórios sentimentais.

Triplamente fracassada

Se na coluna anterior, Myrna polemiza de maneira comedida com a leitora de seu correio sentimental, em outra, intitulada “Uma que fracassou como mãe, avó e sogra”, ela fica tão exasperada com as atitudes da consulente que a fustiga com muita severidade.

A correspondente apresenta-se como uma senhora milionária, mãe de uma filha única que, contra a vontade da progenitora, casou-se com um rapaz “bonito, simpático e educado” (Rodrigues, 2002, p. 111). No entanto, a seu ver ele possuía o defeito de ter “um emprego modestíssimo, que não dava para sustentar um casal” (Rodrigues, 2002, p. 111). Por causa disso, a senhora se mostrou acirradamente contrária ao enlace. Porém a moça foi irredutível, ameaçando inclusive se matar, caso fosse separada do homem que amava. Diante disso, realizou-se o casamento, com pompa e cerimônia, mas a sogra advertiu o genro de que jamais ajudaria o casal em suas futuras dificuldades financeiras. O casal logo começou a enfrentar privações, agravadas pela perda do modesto emprego do marido, mergulhando na miséria absoluta. Para piorar a situação, no meio dessas tribulações nasceu um bebê, bonito e saudável. Para que a criança não passasse por graves necessidades, a moça teve de engolir o orgulho e ir pedir à mãe que desse algum suporte financeiro ao menos para o menino. A consulente, porém, tripudiou da calamidade que se abatia sobre a família de sua filha, dizendo-lhe que não ajudaria enquanto ela não abandonasse o marido. Após pintar esse panorama, a senhora

pergunta a Myrna se teria agido bem. Assombrada, a consultora dá uma resposta coerente com sua visão do amor como âmagô da vida humana.

Sendo eu milionária, como a senhora o é, jamais uma filha minha passaria fome. Nem fome, nem privação de espécie alguma. Admitamos que meu genro fosse um inimigo do trabalho. Eu, como milionária, não consideraria isso um defeito, juro que não, contanto que ele tratasse bem minha filha. E mesmo que considerasse o desamor ao trabalho um defeito, não castigaria meu genro, implicando minha filha no castigo. Só vejo um defeito, irremediável, em qualquer espécie de genro: a falta de amor, de carinho, de apreço pela mulher. Tudo o mais pode ser lamentável, mas tem salvação. Em um casamento, o amor é mais importante do que o pão: ou, digamos, tão importante. Entre parênteses, acho o amor mais importante (Rodrigues, 2002, p. 73).

Aparentemente Nelson Rodrigues, ou ao menos a figura pública de escritor que ele criou, compartilhava dessa crença no amor como o maior de todos os valores, algo que está acima das contingências humanas, justificando todo e qualquer sacrifício. Essa ideia é recorrente em suas obras ficcionais, em suas crônicas jornalísticas e nas frases de efeito que costumava cunhar. A própria Myrna, em outro correio sentimental, a propósito de uma moça que se apaixonou por um homem desonesto, vindo a ter os cabelos raspados pela própria mãe, para que não saísse de casa, responde a seu questionamento sobre se é possível amar um ladrão, dizendo que isso é perfeitamente possível. Para a consultora, não escolhemos amar, a quem amar. Isso simplesmente acontece. E, quando acontece, devemos receber carinho e proteção das pessoas queridas. A pior atitude que elas podem ter é agir com hostilidade num momento em que estamos vulneráveis pela ação de uma força maior. Daí a perplexidade de Myrna diante a avareza daquela mãe, sogra e avó.

Sua teorização de que o amor está acima de tudo, no entanto, é apenas uma preparação para o desfecho devastador de sua coluna, talvez o mais insólito da história dos correios sentimentais: “Minha cara amiga, considere-se fracassada, como avó, mãe, sogra e milionária. De que serve seu dinheiro, se não assegura o leite do seu neto?” (Rodrigues, 2002, p. 73). O próprio humor, tão frequente na escrita de Nelson Rodrigues, é posto de lado para que Myrna encerre seu texto com essa vergastada em sua consulente. Ao invés de oferecer-lhe um lenitivo, concordando com seu egoísmo e sua intransigência, ou mitigando-os, no mínimo, a colunista frustra todas as suas expectativas, bem como as dos leitores de consultórios sentimentais, que quase sempre terminam aliviando os penares dos leitores.

Essa resposta incomum deve ter provocado discussões entre o público de Myrna, com as pessoas se posicionando contra ou a favor das atitudes da consulente. Esta, mais que todo mundo, deve ter sofrido um forte impacto. Se é impossível saber o que aconteceu após a publicação da coluna, dá para imaginar que a milionária em questão, antes tão certa de estar agindo corretamente, deve ter ao menos repensado sua decisão de não ajudar a alimentar seu neto.

Considerações finais

Como se viu, os correios sentimentais possuem uma longa história, tendo sido muito populares no Brasil em tempos anteriores ao advento da televisão, época em que Nelson Rodrigues, que fez quase de tudo no jornalismo, produziu o seu sob o pseudônimo de Myrna.

Na maioria das vezes, a consultora de Nelson oferece o suporte solicitado por seus leitores, desenvolvendo reflexões e dando-lhes aconselhamento para que se realizem como pessoas felizes no contexto cultural do final da década de 1940 no Brasil, dentro dos padrões de comportamento então em voga. No entanto, há ocasiões em que ela quebra a expectativa que se tem em relação a um consultor sentimental, de quem se espera sempre confortar, encorajar e alimentar as esperanças dos consulentes. Algumas vezes Myrna entra em conflito com eles, chegando mesmo a passar-lhes uma descompostura.

Outra coisa que diferencia a coluna de Myrna é a qualidade de sua escrita — concisa, densa, vívida, bem-humorada, sem deixar nada faltando nem sobrando. Além disso, escrevendo para o grande público leitor de jornal, ela contribui para a ampliação dos horizontes culturais desse público. Não raras vezes Myrna cita escritores famosos, eventos históricos e clássicos do cinema para dar suporte a suas argumentações. No texto sobre a senhora triplamente fracassada, por exemplo, ela cita Machado de Assis. Esse diálogo com uma cultura mais sofisticada é muito raro na história dos correios sentimentais.

Como em tudo o que fez, também em seu consultório sentimental Nelson Rodrigues fugiu do convencional, surpreendeu e conquistou seus leitores, que eram muitos.

Referências

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HASTINGS, Anastasia. "Agony aunts: A brief history of a unique profession". In: The History Reader, 2021. Disponível em: <https://www.thehistoryreader.com/world-history/agony-aunts-a-brief-history-of-a-unique-profession/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

RODRIGUES, Nelson (sob o pseudônimo de Myrna). **Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Data de submissão: 21/04/2024.

Data de aceite: 28/07/2024.